

ANDRÉA DEL FUEGO



COMPANHIA DAS LETRAS

A PEDIATRA



Aos que cuidam, minha gratidão.

Atropelamos um gambá às três da manhã. Meu marido ao volante, eu no banco de trás para não enjoar. Estávamos a caminho do litoral, bate e volta para comprar um terreno. Ele procurava música agitada para não dormir quando o farol clareou o bicho, o corpinho se chocou contra a lataria, descolou alguma coisa do assoalho, paramos no acostamento. Não vimos o gambá morto, meu marido disse que o incidente serviu para avisá-lo da hora de encerrar seu jejum em curso havia três dias. Ele estava irritadiço, acelerado, o hálito cetônico. Fomos resgatados pela seguradora, o carro guinchado, nós apertados na boleia do caminhão. Meu marido fez o motorista parar no posto, comeu um pernil com vinagrete e seguimos. Tombamos exaustos em casa, ele acordou inquieto no dia seguinte, os pés batucando o piso. Aqueci o café e disse semana que vem, quando passar essa coisa mórbida, a gente vai comprar o terreno. Ele não respondeu, não sei se ouviu, eu o deixei na cozinha e corri para o consultório.

Doutora, o prematuro complicou no hospital, a mãe não achou a senhora no celular, a assistência técnica do ar-condicionado vem à tarde e eu tenho que sair mais cedo.

A secretária vinha atrás de mim com mais dois recados, abri minha sala onde ela só entra com permissão e fechei a porta. Voltei a abri-la e pendurei o aviso na maçaneta: em atendimento.

Marido infeliz mina até um jequitibá. Eu jogava na cara dele a rigidez das minhas articulações, uma fibromialgia se instalava por sua culpa. Ele estava havia meses de folga da construtora da família, os tratamentos para depressão surtiam efeito no início. No começo eu me animava, quando ele voltava ao lodo, eu me alongava na rua, do consultório ia para o supermercado comprar congelado e planta, chegava com ele já dopado no quarto. Meu limite se tornava limiar a cada novo comprimido, adiava o confronto, eu tinha preguiça de dar o primeiro tiro da separação enquanto minha rigidez ganhava a companhia da enxaqueca, da náusea e do formigamento.

Claro que o deprimido não saía de casa, mas eu circulava. Fui apresentada ao Celso na festinha de uma amiga em comum, uma cardiologista que atendia no mesmo prédio comercial que eu. Ela estudou com Celso no colégio, ele seguiu para a área executiva, não se viam fazia vinte anos. Na festinha, Celso era o único que comia amendoim, os outros enfiavam o garfo numa torta de alcachofra e conversavam sobre administração hospitalar e agências de viagem. Quando o amendoim acabou, Celso passou a roer a unha.

Me aproximei oferecendo um cigarro, ele recusou, mas me acompanhou até a varanda do apartamento, acendi o meu. Contou que morava em Florianópolis e vinha a São Paulo toda semana cuidar do balanço de uma empresa. Andava confuso com tudo e sua mulher grávida só chorava. Como sou pediatra, o rumo da conversa foi criança e doença.

Celso reclamava de tudo, mas com cadência agradável, aéreo, mas não inteiramente, quis ficar perto daquele clandestino na casa de uma amiga que nem conhecia sua esposa. Me ocupei em atraí-lo. Outra vez na cidade, me ligou pedindo indicação de um dentista urgente, podíamos beber uma cerveja antes de ele tomar anestesia, chegaria relaxado ao tratamento. Entendi a proposta e não houve consulta em dentista nenhum. Celso passou a dar consultoria em mais firmas na cidade, nos encontrávamos depois de suas reuniões, eu voltava para casa esfolada. Meu marido teve dias melhores com meu humor descarregado, leve, minhas dores se dissiparam. A cólica menstrual sumiu, também dispensei a pomada fungicida de uso constante, a região íntima estava uma nectarina.

Se eu não morasse longe, você podia fazer o parto do meu filho, disse Celso. Eu o lembrei que não fazia parto, mas era neonatologista e conhecia a melhor obstetra do país. Ele convenceu a esposa de que o filho chegaria com mais segurança se acompanhado por uma equipe competente. A grávida estava de licença da empresa em que advogava e aceitou o plano. O casal deixou o apartamento no Sul com o quarto da criança pronto, alugaram um flat em São Paulo, vieram no último mês da gestação. Com a grávida na cidade, nos encontrávamos num hotel no mesmo bairro, para que ele não chegasse atrasado em casa. Marquei reunião com o casal antes do parto, era praxe. Uma hora antes da consulta ele passou em meu consultório para ensaiar nossa relação de desconhecidos quando viesse com a mulher. Transamos no banheiro, minha vagina estava inchada quando a grávida, uma hora depois, entrou com ele. Imensa, agarrando a barriga, o vestido abaixo do joelho, a canela grossa. Foi bom que ele tenha conseguido fazer seu papel de esposo como se eu não estivesse do outro lado da mesa recheada com o sêmen que a fecundou. Sua atitude acabou facilitando a minha postura profissional, que,

aliás, foi irretocável. Vou mostrar como carregar o bebê, pai, pegue a boneca. Ele se chama Celso, avisou a grávida. Celso se emocionou ao pegar o brinquedo de barriga murcha. Expliquei que eu não estaria no parto desde o início, chegaria ao hospital depois do comando da obstetra. Achei melhor não avisar que o parto que ela queria podia durar dezenas de horas, eu só compareceria pouco antes de o bebê coroar, antes de a cabeça rebentar o períneo.

Não estamos fazendo nada errado, ele disse mais tarde, eu não confiaria em outra pessoa nesse momento. Sua confiança me fez ser uma neonatologista sem atraso e certa da profissão. A grávida não me considerava a médica principal, eu não era mesmo, então nosso contato foi mínimo, na primeira reunião e na maternidade. Com o parto em andamento, a obstetra avisou que eu podia chegar tranquila, o bebê estava alto, mas que não me atrasasse porque a mãe tinha a pressão instável, a cesárea estava no horizonte. Entrei focada na sala de parto, Celso no sofá com o laptop no colo lendo mensagens. Me posicionei à beira da cama, a grávida recebeu a analgesia e não sabia quando fazer força, a obstetra mandou que Celso e eu empurrássemos a barriga dela até o bebê descer. Fiz toda força que pude, Celso menos, ficou com medo de machucar a mãe. A criança não nasceu vigorosa, fiz os protocolos neonatais, estimulei reflexos, pinguei nitrato de prata nos olhos, arranquei todo vérnix do corpinho quieto, sem choro. Entreguei o pacote para a mãe assustada e exausta, Celso beijou a touca da maternidade enterrada na cabeça do menino. Fui para o banheiro da suíte, Celso veio atrás, nos abraçamos enquanto a puérpera dava à luz a placenta.

Ouvi meu nome, a obstetra me chamava de volta para a sala. Cecília, suture aqui, vou ajustar o soro dela. A mulher de Celso exibia uma laceração de segundo grau no períneo, o sangue da lesão se misturava ao do parto, empapando o lençol. Não entendi por que a obstetra arrumou o soro e precisou sair da sala. Me sentei diante da vagina que recebia o mesmo pau que eu, agora rasgada pelo primogênito. Ela estava em outra órbita, drogada de hormônios, Celso também saiu da sala, provavelmente porque viu a amante costurando a vagina de sua esposa. Sentada no banco, dei mais pontos que o necessário. Por pouco não a fechei.

Precisei reexaminar o bebê no segundo dia. A criança apresentou bradicardia, o marca-passo natural estava lento, cogitei colocarmos um artificial. A mãe sentiu tontura, Celso irritado como se eu tivesse causado o desequilíbrio. No fim a alteração se atenuou com remédios e orientei que procurassem um endócrino, podia ser algo congênito com a tireoide, meu pai era um excelente profissional. Celso não me procurou mais, consultaram outro pediatra como sugeri, mas não meu pai.

Fiquei louca quando ele rompeu nosso namoro. Pude enlouquecer à vontade, meu marido experimentava outra pílula que o deixava letárgico, não percebeu o começo nem o fim do meu caso. Fiquei desorientada, disputada por uma direção que exigia uma ação e outra que a inibia. Uma era procurar Celso e acampar nele, a potência sexual que eu merecia. Outra era tomar vergonha, inútil voltar ao que ia afundar. Celso ligou no consultório e falou apenas com a secretária para acertar as contas. Minha vontade era seguir até Florianópolis, bater na porta do casal feliz, enfiar a criança num saco de lixo, a advogada num contêiner a caminho da Oceania e exigir que Celso voltasse à normalidade. Desatenta,

negligenciei um quadro preocupante que saiu do meu consultório sem o devido encaminhamento para o hospital, o bebê acabou internado com insuficiência respiratória aguda. Não atendi aos chamados da mãe no celular, para acalmar mãe com filho em UTI só o coma induzido, no fim ninguém morreu.

Em casa, o marido estava apagado à base de sonífero. Fui capotar na sala, depois passei para o quarto de empregada, onde Deise passava roupa, me enrodilhei numa poltrona. Desmarquei consultas, liberei minha funcionária por uns dias, o consultório ficou aos cuidados da secretária eletrônica. Meu pai notou minha ausência e tentou me sondar sem invadir. Trabalhando no mesmo prédio, não nos víamos com frequência, nunca calhou de pegarmos o mesmo elevador, ele era o primeiro médico a chegar e o último a sair do edifício. Meu pai deixou mensagem, ele e minha mãe iam para o interior no fim de semana, caminhariam na serra com um grupo de amigos, se eu me interessasse, eles alugariam uma casa maior, eu podia levar quem quisesse. Não respondi. Ele sempre convidava uma multidão, amigos de amigos, nunca tínhamos privacidade.

A pediatra

Uma fábula contemporânea e desconcertante, sobre uma mulher invulgar que toma as rédeas do seu destino.

Cecília não encaixa em estereótipos: é casada mas não tem nem deseja ter filhos, quase nem olha para o marido mas vive uma sexualidade plena fora de portas, e é pediatra mas detesta crianças. Exacerbadamente egocêntrica e pragmática, orienta o seu quotidiano de acordo com caprichos, sem compromissos nem sentimentalismos. Está bem instalada na vida que construiu: um consultório bem-sucedido, um casamento aborrecidamente estável e uma vida interior selvaticamente livre.

Tudo ameaça mudar quando surge em cena um pediatra humanista, atento às medicinas alternativas e aos partos naturais, que começa a roubar pacientes a Cecília. Ao mesmo tempo que o casamento vai ruindo, o filho do seu amante desperta na pediatra sentimentos que ela nunca antes imaginara. Nesta encruzilhada, Cecília vê-se compelida a repensar os caminhos da sua vida, comovendo e divertindo o leitor em doses generosas.







«Ninguém notava que eu tinha pouca vocação e paciência para ser médica, a boa formação garantia que eu não fosse processada, fazia bem-feito o feijão com arroz, procedimentos que qualquer pediatra faz escondiam minha inaptidão. Meu caso é comum, estudei medicina desapaixonada, com o pai no leme. Não é diferente de quem cuida de vacas porque de sua janela era o que havia, festejando o fato de que não era mais preciso caçar, apenas manter o gado. Meu pai era endocrinologista pediátrico [...], proprietário de um andar num edifício comercial, eu podia atender numa das salas. Aceitei a facilidade.»

**AUTORA DISTINGUIDA COM O
PRÉMIO LITERÁRIO JOSÉ SARAMAGO**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt
  penguinlivros
 companhiadasletrasportugal

ISBN 9789897846571



9 789897 846571 >